Platão

Hipias Maior

Trad. de Carlos Alberto Nunes

Editora da Universidade Federal do Pará

1980

St. III

281 a I — Oh! O belo e sábio Hípias! Há quanto tempo não vens a Atenas!

Hípias — É que não me dão folga, Sócrates. Cada vez que Élide tem alguma questão para resolver com outra cidade, sou eu sempre o primeiro que ela escolhe como embaixador, por considerar-me o melhor juiz e b relator dos assuntos debatidos em todas elas. Daí o ter sido enviado a vários lugares, nesse caráter, com tanta freqüência, porém mais amiúde e em missões de maior responsabilidade à Lacedemônia. Essa a razão — já que falaste nisso — de não aparecer aqui mais vezes.

Sócrates — Isso sim, Hípias, é que é ser homem verdadeiramente sábio e perfeito! De fato, em particular, fazes-te pagar bem pelos moços, com ser maior o c benefício que lhes prestas do que as vantagens que de tudo possas auferir, e como homem público és útil à pátria, tal como deve fazer quem não quiser ver-se desprezado por seus concidadãos, porém crescer na sua estima. Mas, Hípias, por que motivo os varões antigos, de tão grande fama pela sabedoria: um Pítaco, um Biante, um Tales de Mileto e os que viveram até ao tempo de Anaxágoras, senão todos, a grande maioria se absteve de tomar parte nos negócios públicos?

Hípias — Qual imaginas, Sócrates, que possa ter d sido, senão a incapacidade para abarcar com a inteligência, a um só tempo, assuntos particulares e públicos?

II — **Sócrates** — Dessa forma, por Zeus, teremos de admitir que, assim como as outras artes se aperfeiçoaram, a ponto de fazerem figura feia os artesãos antigos, em comparação com os de agora: diremos também que vossa arte particular, a dos sofistas, progrediu, e que os antigos, em confronto convosco, são principiantes em matéria de sabedoria?

Hípias — É assim mesmo como disseste.

Sócrates — E na hipótese, Hípias, de Biante retor- 282 a nar à vida: faria papel ridículo ao vosso lado, como de Dédalo asseveram os escultores, que se tornaria alvo de chacotas se voltasse a fabricar espécimes como os que lhe asseguraram fama?

Hípias — Exatamente, Sócrates. Porém, da minha parte, com relação aos antigos e aos que nos precederam, começo por elogiá-los mais do que aos do nosso tempo, para precatar-me contra o ciúme dos vivos e de medo da cólera dos mortos.

b **Sócrates** — Acho que fazes muito bem, Hípias, em pensar e raciocinar dessa maneira. Posso dar-te o meu testemunho de que tens razão, e que, de fato, a arte de vós todos, sofistas, progrediu bastante no que diz respeito à capacidade de conciliar o bom desempenho dos negócios públicos com os interesses particulares. Górgias, por exemplo, sofista de Leontinos, que aqui veio como embaixador de sua pátria, por ser o mais indicado para tratar dos interesses dos Leontinenses nas assembléias populares, não só adquiriu fama de orador primoroso como ganhou muito dinheiro em nossa cidade, tan- c to em dissertações particulares como em aulas para os moços. O nosso amigo Pródico, também, caso queiras, que já aqui estivera várias vezes no caráter de embaixador e veio recentemente de Ceos para tratar de assunto público, conquistou grande fama com seus discursos, no conselho e em audições particulares, principalmente em aulas para os moços, que lhe granjearam somas fabulosas. Dos antigos, pelo contrário, nenhum se atreveu a exigir pagamento por suas lições nem a ostentar conheci- d mentos diante de uma multidão heterogênea, tão ingênuos eram todos, a ponto de ignorarem o valor do dinheiro. Aqueles dois, no entanto, isoladamente, ganharam mais com sua sabedoria do que qualquer artífice em sua profissão, o mesmo acontecendo antes deles com Protágoras.

III — **Hípias** — Como vejo, Sócrates, desconheces o lado belo de nossa profissão. Se soubesses quanto dinheiro já ganhei, ficarias admirado. Deixando de parte outras oportunidades, de uma feita cheguei à Sicília e quando Protágoras lá se encontrava, no auge de sua fama e já bastante idoso. Pois, apesar de eu ser muito mais moço do que ele, em pouquíssimo tempo ganhei para mais de cento e cinqüenta minas, sendo que mais de vinte num único lugarejo, Ínicos. De volta para casa, entreguei tudo a meu pai, que ficou espantado e maravilhado com aquilo, ele e meus concidadãos. Creio que sozinho já ganhei mais do que dois outros sofistas juntos, à tua escolha.

Sócrates — É admirável o que me contas, Hípias, e 283 a a melhor prova de que tua sabedoria e a dos homens do nosso tempo ultrapassa a dos antigos. Pelo que acabas de dizer, os contemporâneos de Anaxágoras eram uns ignorantões. Com Anaxágoras, dizem, aconteceu justamente o contrário: havendo herdado grande fortuna, por negligência veio a perder tudo, tal foi a maneira estulta como passou a vida a filosofar. Coisas do mesmo teor contam-se de outros antigos. O que me dizes se me afi- b gura uma bela prova da superioridade do saber dos homens de hoje em relação ao dos antigos, sendo que muita gente é de opinião que o sábio, antes de mais nada, deve ser sábio para si mesmo, o que se comprova com a capacidade de ganhar muito dinheiro.

IV — Mas, sobre isso é o bastante. Agora dize-me uma coisa: das cidades a que costumas ir, qual te foi mais rendosa? Provavelmente, Lacedemônia, aonde vais com mais freqüência.

Hípias — Não, Sócrates; por Zeus!

Sócrates — Que me dizes? Foi onde ganhaste menos?

c **Hípias** — Nunca tirei de lá um só vintém.

Sócrates — É absurdo, Hípias, e de espantar o que referes. Mas, dize-me uma coisa: tua ciência não tem o poder de fazer progredir em virtude as pessoas que a praticam e estudam?

— **Hípias** — E muito, Sócrates.

Sócrates — Então, é capaz de deixar melhores os filhos dos cidadãos de Ínicos e não poderás fazer o mesmo com os Espartanos?

Hípias — De forma alguma.

Sócrates — Sem dúvida, porque os Sicilianos se esforçam para ficar melhores, o que não se dá com os Espartanos.

d **Hípias** — Não, Sócrates; os Espartanos também se esforçam.

Sócrates — Nesse caso, será por falta de dinheiro que evitaram tua companhia?

Hípias — Também não, pois são muito ricos.

Sócrates — Por que motivo, então, não carecendo eles nem de vontade nem de meios, e estando tu em condições de prestar-lhes ótimo serviço, não te despediram carregado de dinheiro? Saberão os Lacedemônios, porventura, educar os filhos melhor do que tu? Será essa a explicação, a que darás o teu assentimento?

e **Hípias** — De forma alguma.

Sócrates — Assim sendo, é que na Lacedemônia não foste capaz de convencer os moços de que com o teu convívio eles avançariam mais no caminho da virtude do que na companhia dos pais. Ou foi a estes que não pudeste convencer da vantagem de te confiarem os filhos, em vez de cuidarem eles mesmos de sua educação? Pois não iremos atribuir-lhes o propósito de não quererem que os filhos se tornassem tão perfeitos quanto possível.

Hípias — Não creio, também, que tivessem esse propósito.

Sócrates — No entanto, a Lacedemônia desfruta de boa legislação.

Hípias — Sem dúvida.

284 a **Sócrates** — E nas cidades de boas leis a virtude é tida em alta conta.

Hípias — Muito.

Sócrates — Sendo que tu és quem melhor sabe comunicá-la aos outros.

Hípias — Muito melhor, Sócrates.

V — **Sócrates** — E o indivíduo mais capaz de ensinar a arte da equitação, não seria muito mais considerado na Tessália do que em qualquer outro lugar da Hélade, e não ganharia mais dinheiro lá, ou onde quer que haja algum interesse por essa arte?

Hípias — É possível que sim.

Sócrates — E quem fosse capaz de transmitir a outrem os altos conhecimentos da virtude, não seria muito

b mais acatado na Lacedemônia nem ganharia o dinheiro que quisesse, tanto lá como em qualquer outra cidade helênica bem governada? Ou serás de parecer, amigo, que na Sicília ou em Ínicos ele ganharia mais? Teremos de acreditar, Hípias, em semelhante coisa? Acreditarei, se assim o ordenares.

Hípias — É que os Lacedemônios, Sócrates, não costumam tocar nas leis nem educar os filhos contra as normas estabelecidas.

Sócrates — Que me dizes? Não têm por hábito os

c Lacedemônios agir com acerto, porém, errar?

Hípias — Não afirmaria semelhante coisa, Sócrates.

Sócrates — E não procederiam bem, se dessem aos filhos uma boa educação, em vez de educá-los mal?

Hípias — Sem dúvida; porém entre eles a lei não permite dar aos filhos educação estrangeira. A não ser isso, fica sabendo que, se em qualquer tempo houvesse quem entre eles ganhasse alguma coisa com aulas, eu perceberia mais dinheiro do que ninguém, pois gostam de ouvir-me e não me regateiam aplausos. Mas, como disse, a lei não o permite.

d **Sócrates** — E a lei, Hípias, no teu modo de pensar, é prejudicial ou útil à cidade?

Hípias — É instituída, segundo creio, com vistas à utilidade; mas, algumas vezes, pode prejudicar, quando mal feita.

Sócrates — Como! Os que fazem as leis não trabalham com a certeza de promover o maior bem da cidade? E será possível viver sem boas leis?

Hípias — É como dizes.

Sócrates — Sendo assim, quando se enganam a respeito do bem as pessoas que se propõem fazer leis, enganam-se no mesmo passo com relação à lei e ao que é legal, não te parece?

e **Hípias** — A rigor, Sócrates, é assim mesmo; porém os homens não costumam expressar-se dessa maneira.

Sócrates — Que homens, Hípias? Os instruídos ou os ignorantes?

Hípiass — A maioria.

Sócrates — E os conhecedores da verdade, constituem a maioria?

Hípias — Não, evidentemente.

Sócrates — Porém os que a conhecem, consideram que, para todos os homens, o útil é verdadeiramente mais legal do que o inútil. Ou não admites esse ponto?

Hípias — Admito no que respeita a ser verdadeiramente mais legal.

Sócrates — E não se passam as coisas conforme pensam os entendidos?

Hípias — Perfeitamente.

VI — **Sócrates** — Pelo que dizes, seria mais vantajo-

385 a so para os Lacedemônios serem educados pelo teu método, embora estrangeiro, do que pelo nacional.

Hípias — E nisso estou muito certo.

Sócrates — Como também disseste, Hípias, que o mais útil é o mais legal.

Hípias — Disse.

Sócrates — Assim, de acordo com tua afirmativa, ficaria mais legal serem educados por Hípias os filhos dos Lacedemônios, e contrário às leis o serem pelos pais, no caso, bem entendido, de virem a lucrar contigo.

Hípias — Como, de fato, lucrariam, Sócrates.

b **Sócrates** — Sendo assim, os Lacedemônios agem ilegalmente por não te darem dinheiro nem te confiarem os filhos.

Hípias — De acordo; tenho a impressão de que falas a meu favor, não me ficando bem contradizer-te.

Sócrates — E assim, meu caro, descobrimos que os Lacedemônios desobedecem às leis, e logo num assunto de tamanha gravidade, eles que passam por ser os que mais prezam as leis. Assim, eles te aplaudem, Hípias, e folgam de ouvir-te... Pelos deuses! a respeito de quê?

c Evidentemente, do que tu mais entendes: dos astros e do que se passa no céu.

Hípias — De forma alguma; e assunto que não toleram.

Sócrates — Então, gostam de ouvir-te discorrer sobre geometria?

Hípias — Nada disso, pois muitos deles, por assim dizer, nem sabem contar.

Sócrates — Nesse caso, não apreciarão tuas explanações a respeito do cálculo.

Hípias — Nem um pouco, por Zeus.

Sócrates — Então, será o que sabes definir como

d ninguém: o valor das letras e das sílabas, o ritmo e a harmonia do período.

Hípias — Que letras, amigo, e que harmonias?

Sócrates — Que é, então, que eles gostam de ouvir e em que não te regateiam aplausos? Dize-me o que seja, ,rque não consigo adivinhar.

Hípias — O que lhes digo, Sócrates, a respeito da geração dos homens e dos heróis, da fundação de colônias ou de como antigamente se formavam as cidades, e de tudo o que, de modo geral, se relaciona com a Anti-

e guidade, razão por que fui obrigado a recordar e estudar todas essas questões.

Sócrates — Por Zeus, Hípias; tiveste muita sorte, por não gostarem os Lacedemônios de ouvir de alguém a relação completa dos nossos arcontes, desde o tempo de Solão. Do contrário, ter-te-ia custado muito trabalho decorar tantos nomes.

Hípias — Por que, Sócrates? Basta-me ouvir uma só vez cinqüenta nomes seguidos, para retê-los.

VII — **Sócrates** — É verdade. Esqueci-me de que conheces a mnemônica. Compreendo que os Lacedemô-

286 a nios gostem de ouvir-te, pois não há o que não saibas; valem-se de ti como fazem as crianças com as velhas, para que lhes contem histórias interessantes.

Hípias — É isso mesmo, Sócrates, por Zeus. Ainda recentemente, falei-lhes com grande êxito a respeito das belas ocupações a que os moços devem aplicar-se, acerca do que escrevi um discurso admirável sob muitos aspectos, mas, principalmente, pela escolha dos vocábulos. O tema geral e o começo do discurso é mais ou menos o seguinte: Depois da tomada de Tróia, conta-se na minha

b história que Neoptólemo perguntou a Nestor quais seriam as ocupações mais indicadas para o jovem que almejasse alcançar fama. A seguir, Nestor respondendo lhe dá as mais variadas e acertadas indicações. Foi essa oração que lhes apresentei e que pretendo repetir aqui depois de amanhã na escola de Fidóstrato, além de muitas outras composições dignas de se ouvir. Fui convidado por Êudico, filho de Apemanto. Vê se compa-

c reces também, e leve outras pessoas capazes de julgar o que ouvem.

VIII — **Sócrates** — Farei assim mesmo, Hípias, se

Deus quiser. Porém agora responde a uma perguntinha sobre isso mesmo, que em boa hora me fizeste lembrar. Recentemente, meu caro, alguém me pôs em grande apuro, numa discussão em que eu rejeitava determinadas coisas como feias e elogiava outras por serem belas, havendo me perguntado em tom sarcástico o interlocutor: Qual é o critério, Sócrates, para reconheceres o que é

d belo e o que é feio? Vejamos, poderás dizer-me o que seja o belo? — Com a ignorância que me é própria, fiquei atrapalhado e não pude encontrar resposta satisfatória. Ao retirar-me da reunião, senti-me irritado e formulei censuras contra mim mesmo, tendo firmado propósito de, na primeira oportunidade, quando encontrasse um dos vossos sábios, ouvi-lo e instruir-me, e depois de bem estudado o assunto, voltar a procurar o meu interlocutor para reiniciarmos nosso debate. E eis que chegaste na hora certa, como já disse. Explica-me

e com precisão o que é o belo e esforça-te por dar-me resposta tão exata quanto possível, para que eu não me cubra de ridículo com outra derrota. É fora de dúvida que conheces isso muito bem, matéria, aliás, de pequena relevância entre os inúmeros conhecimentos de que dispões.

Hípias — Sim, muito pequena, Sócrates, por Zeus, e carecente de valor, por assim dizer.

Sócrates — Tanto mais facilmente apanharei o assunto, sem que daqui por diante alguém possa contradizer-me.

Hípias — Ninguém o fará; ou teria de ser vulgar e

287 a carecente de valor a minha profissão.

Sócrates — Por Hera! Belas palavras, Hípias, no caso de virmos a vencer o homem. Creio que não haverá inconveniente em imitá-lo, para, com tuas respostas, preparar minha argumentação e, assim, exercitar-me contigo do melhor modo possível. Tenho alguma prática de formular objeções. Se não te fizer diferença, eu mesmo as apresentarei, para ficar mais firme na matéria.

Hípias — Podes formulá-las. Como já disse, a ques-

b tão é muito simples; vou deixar-te em condições de responder a perguntas muito mais difíceis, de forma que ninguém te possa contradizer.

IX — **Sócrates** — Oh! isso é que é falar bem! Então, principiemos. Já que o mandas, vou colocar-me no lugar do outro, do melhor jeito que puder, e procurar interrogar-te. Se lhe repetisses aquele discurso a que te referiste há pouco, a respeito das belas ocupações, logo que acabasses de falar, antes de mais nada, como é seu costu-

c me, ele te interrogaria sobre o belo, mais ou menos nestes termos: Forasteiro de Élide, não é pela justiça que os justos são justos? — Responde, Hípias, como se fosse ele que te interrogasse.

Hípias — Diria que é pela justiça.

Sócrates — Então, a justiça é algo real?

Hípias — Perfeitamente.

Sócrates — Assim, pela sabedoria é que os sábios são sábios, como é também pelo bem que todos os bens são bens.

Hípias — Como não?

Sócrates — Logo, todas essas coisas são reais, sem que possam absolutamente deixar de sê-lo.

Hípias — São reais, sem dúvida.

Sócrates — E as coisas belas, não o são apenas por efeito da beleza?

d **Hípias** — Sim, da beleza.

Sócrates — Beleza essa que também existe?

Hípias — Sem dúvida. Mas, afinal, que é o que ele quer?

Sócrates — Então, explica-me, forasteiro, voltaria a falar: que é esse belo?

Hípias — Como assim, Sócrates? O autor dessa

e pergunta deseja saber o que é belo?

Sócrates — Penso que não, Hípias; porém o que seja o belo.

Hípias — E em que consiste a diferença?

Sócrates — Achas que não há diferença?

Hípias — Nenhuma.

Sócrates — É certeza saberes melhor. Mas presta atenção, amigo. Ele não te perguntou o que é belo, po-

e rém o que é o belo.

Hípias — Compreendo, bom homem, e vou responder a ele o que seja o belo, de forma que não possa

refutar-me. Fica, então, sabendo, Sócrates, para dizer-te toda a verdade, que o belo é uma bela jovem.

Sócrates — Ótimo, Hípias, pelo cão! Respondeste admiravelmente. Sendo assim, no caso de eu lhe falar dessa maneira, terei dado resposta certa à pergunta apresentada, sem que ninguém me possa contraditar? (288 a)

Hípias — Como poderiam contraditar-te, Sócrates, se não há quem não pense desse modo e todos os que te ouvirem confirmarão que a resposta está certa?

Sócrates — Pois que seja. Mas permite, Hípias, que chame a mim o que acabas de dizer. Meu interlocutor argumentaria mais ou menos nestes termos: Vamos, Sócrates, responde-me: Se existe o belo em si, todas as coisas que denominas belas serão belas por esse fato? Eu, de meu lado, diria que uma bela jovem é bela por efeito do que deixa belas todas as coisas

b **Hípias** — E acreditas mesmo que ele se atreveria a negar que o belo não é o que disseste, ou que não cairia no ridículo se tentasse fazê-lo?

Sócrates — Tenho certeza, meu caro, de que o tentaria. Se com isso vier a cair no ridículo, os fatos o provarão. Porém vou mostrar-te como ele argumenta.

Hípias — Podes falar.

X — **Sócrates** — Como és encantador, Sócrates, me diria; e uma bela égua, não será bela também, visto o próprio Deus a ter elogiado no oráculo? — Que lhe responderíamos, Hípias? Poderemos deixar de dizer que uma bela égua não é bela? Como nos atreveríamos a negar que o que é belo não é belo? (c)

Hípias — Tens razão, Sócrates; está muito certa a divindade em falar dessa maneira. Entre nós também há éguas admiráveis.

Sócrates — Muito bem, responderia. E uma lira bela, não é bela? Afirmá-lo-emos, Hípias?

Hípias — Sem dúvida.

Sócrates — Neste passo — tenho quase certeza, pois o conheço muito bem — ele perguntará: E uma bonita panela, meu caro, também não será bela?

Hípias — Mas, Sócrates, quem é esse homem?

d Como terá de ser ignorante, para atrever-se a empregar nomes tão vulgares em assunto de tamanha importância?

Sócrates — É assim mesmo, Hípias: sem polimento nenhum, grosseirão e só preocupado com a verdade. De qualquer forma, teremos de dar-lhe alguma resposta. Proponho a seguinte: na hipótese de ser fabricada a panela por um bom oleiro, bem polida e redonda, e cozida no ponto certo, como são as panelas de duas asas da capacidade de seis côngios, tão bonitas todas elas: no

e caso de referir-se a uma panela desse tipo, teríamos de concordar que é bela, pois como poderíamos afirmar que o que é belo não é belo?

Hípias — Não fora possível, Sócrates.

Sócrates — Então, ele dirá que uma bonita panela também é bela? Responde.

Hípias — O que eu acho, Sócrates, é o seguinte: qualquer utensílio desse tipo terá de ser considerado belo quando for bem trabalhado; mas todos eles não merecem ser postos em termos de comparação com um belo cavalo, uma bela donzela e todas as outras coisas verdadeiramente belas.

289 a **Sócrates** — Seja. Agora compreendo, Hípias, o que devemos responder ao nosso interpelante: Então não sabes, homem, como é verdadeiro aquele dito de Heráclito, que o mais belo símio é feio em comparação com o gênero humano? Assim, também, a mais bonita panela é feia em confronto com uma bela virgem, no dizer de Hípias, o sábio — Não é isso mesmo, Hípias?

Hípias — Perfeitamente, Sócrates; respondeste com muita propriedade.

Sócrates — Agora escuta, pois tenho certeza de que, depois disso, ele perguntaria: E a raça das virgens,

b comparada com a dos deuses, não estará nas mesmas condições das panelas em confronto com as virgens? A mais bela virgem não parecerá feia? E esse Heráclito, mencionado por ti, não disse a mesma coisa: que o mais sábio dos homens, em confronto com um deus, não passa de um macaco, em sabedoria, beleza e em tudo o mais? — Não concordaremos, Hípias, que a mais bela virgem é feia, comparada com a raça dos deuses?

Hípias — Quem poderia sustentar o contrário, Sócrates?

c **Sócrates** — Se lhe concedermos esse ponto, ele há de rir muito e nos dirá: Lembras-te, Sócrates, do que te foi perguntado? — Sem dúvida, lhe diria: o que vinha a ser o belo em si. — E sendo perguntado, continuara, a respeito do belo, sais-me com um exemplo que, segundo tu mesmo confessas, é tão belo como feio. — Realmente, lhe diria. — E agora, amigo, que me aconselhas a responder-lhe?

Hípias — Isso mesmo, é o que eu penso: se ele afirmar que, em comparação com os deuses, a raça dos homens não é bela, só dirá a verdade.

Sócrates — Mas, nessa altura, ele observaria: Se eu d te houvesse perguntado de início o que é ao mesmo tempo belo e feio, e tivesses respondido como agora, estaria certa a resposta. Mas o belo em si, que orna todas as coisas e as faz parecer belas, quando lhes comunica seu próprio conceito: ainda és de opinião que seja uma virgem, ou um cavalo, ou uma lira?

Hípias — Ora, Sócrates, se é isso que ele procura, é muito fácil mostrar-lhe o que seja o belo que adorna todas as coisas e as faz parecer belas quando se lhes e agrega. Esse sujeito é mais do que inepto, e nada entende das coisas belas. Se lhe respondesses: O belo, a respeito do qual me interrogas, não é senão o ouro, ele ficaria confuso e não persistiria em contestar-te. Todos nós sabemos que o objeto a que acrescentarmos ouro, por mais feio que fosse antes, fica bonito com esse ornato...

Sócrates — É que não sabes, Hípias, como o nosso homem é teimoso e difícil de aceitar alguma coisa.

Hípias — Como assim, Sócrates? Se o que se fala é 290 a certo, terá de aceitar. Caso contrário, cairá no ridículo.

XII — Sócrates — Tenho certeza, amigo, de que não somente ele rejeitará essa resposta, como ainda zombará de mim e me dirá: Quanta cegueira! Então, és de parecer que Fídias seja mau escultor? — Ao que lhe responderia: De forma alguma.

Hípias — Fora muito certa essa resposta, Sócrates.

Sócrates — Sem dúvida. Mas, depois de eu haver b admitido que Fídias é um grande artista, ele voltaria a perguntar: E acreditas que Fídias não conhecesse o belo a que te referes? — Ao que eu diria: Como assim? — Por não haver feito de ouro, continuara, nem os olhos de Atenas, nem o resto do rosto, os pés e as mãos, para deixá-los mais belos com esse ouro, porém de marfim. É evidente que ele errou por ignorância, pois não sabia que tudo o que leva ouro fica mais belo. — Diante dessa pergunta, Hípias, que lhe responderíamos?

c **Hípias** — Não é difícil. Dir-lhe-íamos que Fídias acertou, pois o marfim, segundo penso, também é belo.

Sócrates — Por que motivo, então, voltaria a perguntar, não fez de marfim a parte mediana dos olhos, porém de pedra, e escolheu para isso, aliás, uma pedra muito parecida com o marfim? Uma bela pedra não será bela? — Admitiremos isso, Hípias?

Hípias — Admitiremos, desde que haja indicação para o seu emprego.

Sócrates — E quando não houver indicação, será feia? Concordaremos, ou não?

d **Hípias** — Sim, não havendo indicação, é feia.

d **Sócrates** — Sendo assim, varão sábio, voltaria a falar, o marfim e o ouro deixam belas as coisas, sempre que houver indicação, como as deixam feias no caso contrário. — Negaremos ou afirmaremos que ele tem razão?

Hípias — Afirmaremos que o que convém a cada coisa é o que as deixa belas.

Sócrates — Então, perguntará: Que convém mais à panela a que há pouco nos referimos, a bonita, cheia de bons legumes: uma colher de ouro ou uma de pau de figueira?

XIII — Hípias — Por Héracles! Que homem, e Sócrates! Não quererás dizer-me quem é ele?

Sócrates — Não o conheces, ainda mesmo que te dissesse como se chama.

Hípias — Porém uma coisa eu sei: que é um tipo ignorante.

Sócratess, — É um sujeito terrível, Hípias. Mas, de qualquer forma, que lhe responderemos? Qual das duas

Hípias — Quem poderia sustentar o contrário, Sócrates?

c **Sócrates** — Se lhe concedermos esse ponto, ele há de rir muito e nos dirá: Lembras-te, Sócrates, do que te foi perguntado? — Sem dúvida, lhe diria: o que vinha a ser o belo em si. — E sendo perguntado, continuara, a respeito do belo, sais-me com um exemplo que, segundo tu mesmo confessas, é tão belo como feio. — Realmente, lhe diria. — E agora, amigo, que me aconselhas a responder-lhe?

Hípias — Isso mesmo, é o que eu penso: se ele afirmar que, em comparação com os deuses, a raça dos homens não é bela, só dirá a verdade.

Sócrates — Mas, nessa altura, ele observaria: Se eu d te houvesse perguntado de início o que é ao mesmo tempo belo e feio, e tivesses respondido como agora, estaria certa a resposta. Mas o belo em si, que orna todas as coisas e as faz parecer belas, quando lhes comunica seu próprio conceito: ainda és de opinião que seja uma virgem, ou um cavalo, ou uma lira?

Hípias — Ora, Sócrates, se é isso que ele procura, é muito fácil mostrar-lhe o que seja o belo que adorna todas as coisas e as faz parecer belas quando se lhes e agrega. Esse sujeito é mais do que inepto, e nada entende das coisas belas. Se lhe respondesses: O belo, a respeito do qual me interrogas, não é senão o ouro, ele ficaria confuso e não persistiria em contestar-te. Todos nós sabemos que o objeto a que acrescentarmos ouro, por mais feio que fosse antes, fica bonito com esse ornato...

Sócrates — É que não sabes, Hípias, como o nosso homem é teimoso e difícil de aceitar alguma coisa.

Hípias — Como assim, Sócrates? Se o que se fala é 290 a certo, terá de aceitar. Caso contrário, cairá no ridículo.

XII — **Sócrates** — Tenho certeza, amigo, de que não somente ele rejeitará essa resposta, como ainda zombará de mim e me dirá: Quanta cegueira! Então, és de parecer que Fídias seja mau escultor? — Ao que lhe responderia: De forma alguma.

Hípias — Fora muito certa essa resposta, Sócrates.

Sócrates — Sem dúvida. Mas, depois de eu haver b admitido que Fídias é um grande artista, ele voltaria a perguntar: E acreditas que Fídias não conhecesse o belo a que te referes? — Ao que eu diria: Como assim? — Por não haver feito de ouro, continuara, nem os olhos de Atenas, nem o resto do rosto, os pés e as mãos, para deixá-los mais belos com esse ouro, porém de marfim. É evidente que ele errou por ignorância, pois não sabia que tudo o que leva ouro fica mais belo. — Diante dessa pergunta, Hípias, que lhe responderíamos?

c **Hípias** — Não é difícil. Dir-lhe-íamos que Fídias acertou, pois o marfim, segundo penso, também é belo.

Sócrates — Por que motivo, então, voltaria a perguntar, não fez de marfim a parte mediana dos olhos, porém de pedra, e escolheu para isso, aliás, uma pedra muito parecida com o marfim? Uma bela pedra não será bela? — Admitiremos isso, Hípias?

Hípias — Admitiremos, desde que haja indicação para o seu emprego.

Sócrates — E quando não houver indicação, será feia? Concordaremos, ou não?

d **Hípias** — Sim, não havendo indicação, é feia.

d **Sócrates** — Sendo assim, varão sábio, voltaria a falar, o marfim e o ouro deixam belas as coisas, sempre que houver indicação, como as deixam feias no caso contrário. — Negaremos ou afirmaremos que ele tem razão?

Hípias — Afirmaremos que o que convêm a cada coisa é o que as deixa belas.

Sócrates — Então, perguntará: Que convém mais à panela a que há pouco nos referimos, a bonita, cheia de bons legumes: uma colher de ouro ou uma de pau de figueira?

XIII — **Hípias** — Por Héracles! Que homem, e Sócrates! Não quererás dizer-me quem é ele?

Sócrates — Não o conheces, ainda mesmo que te dissesse como se chama.

Hípias — Porém uma coisa eu sei: que é um tipo ignorante.

Sócratess, — É um sujeito terrível, Hípias. Mas, de qualquer forma, que lhe responderemos? Qual das duas

colheres é a mais indicada para o legume e a marmita? Talvez a de pau de figueira? Deixa os legumes com mais aroma; sem falarmos, companheiro, que não há perigo de quebrar a panela nem derramar o caldo e privar de um prato apetitoso os que já se dispunham a saboreá-lo. Com a de ouro tudo isso poderia acontecer. A meu ver, devemos concluir que a colher de pau é mais indicada do que a de ouro, a menos que penses de outra forma.

291 a

Hípias — Sem dúvida, é mais indicada, Sócrates; porém eu não conversaria com um indivíduo que apresentasse perguntas desse tipo.

Sócrates — E com toda a razão, amigo; nem fica bem preocupar-se com nomes tão vulgares um indivíduo como tu, de vestes tão bonitas e com esses calçados, e tão conhecido em toda a Hélade por sua sabedoria. Porém nada me impede de ocupar-me com um tipo de tal espécie. Por isso, continua a instruir-me e responde por amor de mim. — Se a colher de pau de figueira, dirá a outra pessoa, convém mais do que a de ouro, necessariamente terá de ser mais bela, pois tu mesmo reconheceste, Sócrates, que o mais conveniente é sempre mais belo. — Teremos, então, Hípias, de admitir que a colher de pau é mais bonita do que a de ouro?

b

Hípias — Queres, Sócrates, que te apresente uma definição do belo que te livre de tanta importunação?

Sócrates — Como não? Porém só depois de me dizeres o que devo responder a respeito das duas colheres a que me referi há pouco: qual delas é a mais bonita e conveniente?

c

Hípias — Se quiseres, responde que é a de pau.

Sócrates — Agora podes falar o que pretendias dizer. Por essa resposta, se eu disser que o belo é o ouro, não haverá jeito de provarmos que o ouro é mais belo do que o pau de figueira. E agora, qual é a outra definição do belo?

Hípias — Vou dizer-te. Se não estou enganado, o que procuras é um belo que nunca, de nenhum jeito, possa parecer feio a ninguém.

d

Sócrates — Exatamente, Hípias; desta vez apanhaste muito bem o que eu queria significar.

Hípias — Então, escuta; se, depois disso, alguém ainda te fizer alguma objeção, confessarei que não entendo nada de nada.

Sócrates — Pois dize logo, pelos deuses!

Hípias — Direi, então, que sempre e em toda a parte, para qualquer pessoa, o que há de mais belo é ser rico, gozar saúde, ser honrado pelos Helenos, chegar à velhice e, assim como sepultou condignamente os pais, ser sepultado pelos filhos, por maneira bela e suntuosa.

e

XIV — **Sócrates** — Oh, oh! Hípias! Isso é que é linguagem admirável, sublime e verdadeiramente digna de ti. Por Hera, sou-te muito reconhecido por te mostrares tão bondoso comigo e disposto a ajudar-me, na medida de tuas forças. Porém ainda não pegamos o homem; ele vai zombar de nós a valer, podes ter certeza disso.

Hípias — Zombaria de mau gosto, Sócrates. Se não tiver o que objetar-nos e rir de nós, dele mesmo é que estará rindo, como se tornará, também, alvo de zombaria dos que o ouvirem.

292 a

Sócrates — É possível que seja assim mesmo; mas é possível, também, conforme pressuponho, que essa resposta não me enseje apenas zombaria.

Hípias — Como assim?

Sócrates — O que digo é que se ele estiver armado de bastão e eu não me puser fora do seu alcance, tentará aplicar-me uma boa tunda.

Hípias — Como! O homem é teu senhor? Se procedesse dessa forma, não se veria a braços com a justiça nem receberia punição? Não há justiça em vossa cidade, para deixar que os cidadãos se agridam reciprocamente e sem motivo algum?

b

Sócrates — Há; de jeito nenhum permitem semelhante coisa.

Hípias — Então, ele será punido, no caso de bater-te injustamente.

Sócrates — Não, Hípias; com semelhante resposta não seria injustamente, mas com toda a justiça, segundo me parece.

Hípias — A mim, também, Sócrates, uma vez que pensas desse modo.

Sócrates — Queres que te declare por que acho que

me bateria com razão, se eu lhe desse aquela resposta? Não irás também agredir-me sem me ouvir? Ou permitirás que fale?

c **Hípias** — Fora absurdo, Sócrates, não permitir. Mas, que poderás argumentar?

XV — **Sócrates** — Vou dizer-te, recorrendo ao mesmo processo de que me vali há pouco, quando imitei essa pessoa, para não dirigir-te expressões duras e desagradáveis, como ele certamente procederia. Pois fica sabendo que ele se expressaria da seguinte maneira: Sócrates, me diria, achas que recebeste injustamente essas pauladas, depois de haveres cantado um ditirambo tão comprido e desafinado e que tanto se afasta da questão? — Como assim? lhe perguntara. — Como? voltaria d ele a falar; já te esqueceste de que te interroguei a respeito do belo em si, que confere beleza a todas as coisas a que se agrega, ou seja pedra ou madeira, homem ou deus, qualquer ação ou conhecimento? Isso, homem, o que seja o belo em si, é o que eu pergunto; porém não consigo fazer-me compreender; é como se falasse a uma pedra, uma pedra de moinho, sem ouvidos nem cérebro. — Ficarias aborrecido, Hípias, se, tomado de pavor, lhe e respondesse nos seguintes termos: Mas foi Hípias quem definiu o belo dessa maneira, apesar de lhe ter eu interrogado exatamente como fizeste comigo, sobre o que seja o belo, sempre e para toda a gente. — Que me dizes? Não te zangarás comigo, se lhe der essa resposta?

Hípias — Sei com toda a segurança, Sócrates, que o que eu disse é belo para todo o mundo e que sempre será assim mesmo.

Sócrates — Sempre? há de insistir; o belo sempre terá de ser belo.

Hípias — Sem dúvida.

Sócrates — Como sempre o foi, insistirá.

Hípias — Sempre.

Sócrates — E também para Aquiles, continuaria, disse o forasteiro de Élide que seria belo ser sepultado depois de seus antepassados, o que será válido, outros-

293 a sim, para seu avô Éaco, e todos quantos descenderam dos deuses, e para os próprios deuses?

XVI — **Hípias** — Isso também? Ele que baixe para os mortos! Esse sujeito, Sócrates, é blasfemo até nas perguntas.

Sócrates — Mas não seria igualmente blasfemo responder afirmativamente a quem apresentasse essa questão?

Hípias — Talvez.

Sócrates — Talvez tu mesmo, ele diria, te encontres nesse caso, quando afirmas que é sempre belo para toda a gente ser sepultado pelos filhos e sepultar os pais. Ou não estaria Héracles incluído nesse número, e todos aqueles a quem há pouco nos referimos?

Hípias — Porém eu não me referi aos deuses.

b **Sócrates** — Nem aos heróis, ao que parece.

Hípias — Também não; nem ao menos aos que foram filhos dos deuses.

Sócrates — Só aos que o não foram?

Hípias — Perfeitamente.

Sócrates — Sendo assim, de acordo com o que voltas a afirmar, é vergonhoso, ímpio e feio para heróis do tipo de Tântalo, Dárdano e Zeto, porém é belo para Pélope e todos os de origem semelhante.

Hípias — É o que me parece.

Sócrates — Pensas agora, diria ele, o contrário do que declaraste há pouco: que sepultar os pais e ser sepulc tado pelos filhos, por vezes é vergonhoso para algumas pessoas. Mais, ainda, quero crer: é impossível que isso tenha sido ou seja belo para alguém, passando-se com esse exemplo o que se observou com o caso da virgem e da panela, apenas com maior dose de ridículo, a saber: de ser belo para alguns e feio para outros. Nem hoje, Sócrates, por conseguinte, concluiria, estás em condições de responder à pergunta sobre o que seja o belo. — Serão desse teor, aproximadamente, as censuras que me fará, e com razão, se lhe responder conforme disse.

d XVII — Mais ou menos desse modo, Hípias, é que, na maioria das vezes, ele conversa comigo. Porém de longe em longe como que se compadece de minha inexperiência e ignorância muito próprias, sugerindo ele mes-

mo a resposta, com perguntar se o belo não me parece ser isto ou aquilo, fazendo o mesmo com o que constitui o objeto de nossa investigação e a respeito do que estejamos conversando.

Hípias — Que queres dizer com isso, Sócrates?

Sócrates — Vou explicar-te. — Ó bem-aventurado Sócrates, dirá ele; pára com isso e deixa de responder-me dessa maneira. Tuas respostas são por demais simplórias e muito fáceis de refutar. É preferível considerares se não te parece que o belo seja aquilo de que tratamos há
e pouco em nossas respostas, quando afirmamos que o
e ouro é belo onde for conveniente, e feio onde o não for, e assim com tudo o mais a que ele se juntar. Investiga isso, precisamente: a conveniência em si mesma e sua natureza, para ver se, porventura, não é isso o belo. — Nessas condições, continuo sempre a concordar com ele, por não saber o que dizer. E tu, não achas que o belo é o que convém?

Hípias — É exatamente o que eu penso, Sócrates.

Sócrates — Examinemos, pois, a questão, para não nos deixarmos enganar.

Hípias — Sim, examinemo-la.

Sócrates — É o seguinte: diremos que o convenien-
294 a te é o que faz parecer belos os objetos a que se junta, ou o que os deixa realmente belos, ou não será nem uma coisa nem outra?

Hípias — Minha opinião...

Sócrates — Qual é?

Hípias — É o que faz parecer belo. Seria o caso de alguém, embora ridículo, que usasse manto ou calçados adequados: pareceria belo.

Sócrates — Se a conveniência faz as coisas parecerem mais belas do que são na realidade, não passa de
b uma burla com relação à beleza, não o que procuramos, Hípias. O que procuramos é o por meio do que são belas todas as coisas belas, tal como por certa superioridade são grandes as coisas grandes; isto é, o que as deixa grandes, ainda que o não pareçam; uma vez que umas ultrapassem outras, serão necessariamente grandes. O mesmo precisamos dizer do belo, que deixará belas todas as coisas a que se agregue, quer o pareçam quer não, seja o que for. O conveniente é que não poderá ser, pois, conforme disseste, faz as coisas parecerem mais belas do que são, sem deixar que apareçam como são na realidade.
c O que deixa as coisas belas, como acabei de dizer, quer assim pareçam quer não pareçam, esforcemo-nos por descrever o que seja. É o que teremos de procurar, se quisermos encontrar o belo.

Hípias — Mas o conveniente, Sócrates, onde quer que se encontre, tanto deixa belo como faz parecer belo.

Sócrates — Então, não é possível que o que é realmente belo não pareça tal, se tiver consigo o que faz parecer belo?

Hípias — É impossível.

XVIII — **Sócrates** — Admitiremos, portanto, Hípias, que tudo o que é realmente belo, instituições ou
d práticas, é sempre considerado belo e, como tal, parece a todo o mundo? Ou, pelo contrário, será de todo desconhecido, não havendo como ele o que provoque tantas discórdias e lutas, assim na vida particular dos homens como na pública das cidades?

Hípias — Esta segunda hipótese, Sócrates, de preferência: é desconhecido.

Sócrates — Porém tal não acontecera, no caso de se lhe acrescentar a aparência, o que se daria se a conveniência fosse o belo, e não somente deixasse belas as coisas como as fizesse parecer, realmente, belas. Donde se colhe, que se o conveniente é o que realmente dá
e beleza às coisas, terá de ser o belo que procuramos, não podendo ser, no entanto, o que faz as coisas parecerem belas. Por outro lado, se for o que as faz parecer belas, não poderá ser o belo que procuramos, pois este empresta beleza às coisas. Ambos, porém, comunicar ao mesmo tempo às coisas a aparência e a realidade da beleza ou do que quer que seja, é o que não poderá ser produzido pela mesma causa. Teremos, portanto, de escolher na presente alternativa, com relação ao que seja conveniente: é o que faz as coisas parecerem belas ou o que as deixa belas de verdade?

Hípias — A meu parecer, Sócrates, é o que as faz parecer belas.

Sócrates — Babau! Tornou a escapar-nos, Hípias, o

conhecimento do que seja o belo, uma vez que o conveniente se nos revelou diferente do belo.

Hípias – É muito certo, Sócrates, por Zeus, e isso me deixa extremamente confuso.

595 a **Sócrates** – De qualquer forma, companheiro, não permitiremos que nos fuja; ainda remanesce a esperança de chegarmos a descobrir o que seja o belo.

Hípias – Sem dúvida, Sócrates; e não será difícil. Tenho certeza de que, se me recolher algum tempo para refletir, apresentar-te-ei uma definição mais exata do que toda exatidão.

XIX – **Sócrates** – Não prometas muita coisa, Hípias; bem vês quanto trabalho esse assunto já nos deu; b não vá aborrecer-se conosco e fugir para mais longe. Mas estou falando à toa; pois sei muito bem que o encontrarás com facilidade quando ficares só. Mas, pelos deuses, descobre-o na minha presença, ou, no caso de estares de acordo, associa-me a essa pesquisa, como fizeste até agora. Se o encontrarmos, será ótimo; caso contrário, resignar-me-ei com minha sorte, e, uma vez posto de lado, facilmente o encontrarás. Além do mais, vindo nós a encontrá-lo, não continuarei a incomodar-te com minhas perguntas a respeito do que achaste sozinho. Considera agora o seguinte; quem sabe se és de parecer que o belo c seja isso. O que eu digo – porém presta toda a atenção, para que eu não me saia com algum disparate – é que devemos considerar belo o que é útil. Cheguei a essa conclusão pelas seguintes considerações: não são belos os olhos – é o que afirmamos – que parecem incapazes de ver, porém os aptos e empregados para esse fim; não é isso mesmo?

Hípias – Perfeitamente.

Sócrates – Com relação a todo o corpo, também, não dizemos que este é belo para correr e aquele para d lutar, e de igual modo procedemos com os animais, pois damos o nome de belo ao cavalo, ao galo, à codorniz, como a todos os vasos e veículos, ou terrestres ou marítimos, a navios mercantes e trirremes, bem como a todos os instrumentos, ou sejam de música ou das demais artes, e caso queiras, também, às ocupações e instituições: a todos damos o nome de belo, de acordo com o mesmo princípio, considerando como cada um se originou ou foi feito ou como se encontra; e o que é útil denominamos belo, considerando o modo por que é útil, para que e e quando pode ser útil, e bem assim como feio tudo o que for inútil sob todos esses aspectos. Não pensas também dessa maneira, Hípias?

Hípias – Penso.

XX – **Sócrates** – E também: o que é capaz de fazer alguma coisa é útil para o que ele é capaz de fazer, como será inútil para o que for incapaz.

Hípias – Perfeitamente.

Sócrates – A capacidade, por conseguinte, é bela, e a incapacidade, feia.

Hípias – Sem dúvida nenhuma; e que, de fato, as coisas se passam desse modo, Sócrates, temos testemu-296 a nho eloqüente na política, pois nada há mais belo do que a capacidade de mandar em sua própria cidade, como é feio não ter nenhuma autoridade.

Sócrates – Dizes bem. Talvez seja essa a razão, Hípias, pelos deuses, a razão de ser a sabedoria o que há de mais belo, e a ignorância o que há de mais feio?

Hípias – Que queres dizer com isso, Sócrates?

Sócrates – Não te mexas, caro amigo, pois tenho outra vez medo do que acabamos de afirmar.

b **Hípias** – Por que ter medo, Sócrates? Teu argumento marcha agora admiravelmente.

Sócrates – Quem me dera que assim fosse! Porém examina comigo o seguinte: poderá alguém fazer o que não sabe ou o de que é absolutamente incapaz?

Hípias – De forma alguma; como o poderia, se lhe falta capacidade?

Sócrates – Os que cometem erros e involuntariamente procedem mal ou fazem mal alguma coisa, não é verdade que jamais o teriam feito se carecessem de capacidade?

c **Hípias** – Evidentemente.

Sócrates – Pois é a capacidade que deixa capazes os capazes; não há de ser a incapacidade.

Hípias – Não, realmente.

Sócrates – Logo, todas as pessoas capazes para alguma coisa são capazes de fazer o que fazem.

Hípias – Certo.

Sócrates – Porém, desde pequenos, os homens fazem muito mais o mal do que o bem, e cometem faltas involuntariamente.

Hípias – Isso mesmo.

Sócrates – E então? Essa capacidade e essas coisas úteis, uma vez que sejam úteis para fazerem o mal, diremos que são belas, ou estarão longe disso?

d **Hípias** – Muito longe, Sócrates, é o que eu penso.

Sócrates – Nesse caso, Hípias, ao que parece, para nós a capacidade e a utilidade não são o belo.

Hípias – Sim, Sócrates, sempre que a capacidade realizar o bem e for útil.

XXI – **Sócrates** – Foi-se, então, nossa conclusão de que a capacidade e a utilidade sejam simplesmente o belo. Mas o que nossa alma queria dizer, Hípias, não é que a utilidade e a capacidade, sempre que aplicadas em algo bom, constituem o belo?

e **Hípias** – Acho que sim.

Sócrates – Mas isso é o vantajoso, não é verdade?

Hípias – Perfeitamente.

Sócrates – Sendo assim, os belos corpos e as belas instituições, a sabedoria e tudo o mais a que nos referimos há pouco, são belos por serem vantajosos.

Hípias – É evidente.

Sócrates – O vantajoso, portanto, se nos revelou como sendo o belo, Hípias.

Hípias – Sem dúvida, Sócrates.

Sócrates – Mas o vantajoso é o que produz o bem.

Hípias – Certo.

Sócrates – Ora, produzir alguma coisa é ser causa dessa coisa, não te parece?

Hípias – Sem dúvida.

Sócrates – Logo, a causa do bem é o belo.

297 a **Hípias** – Isso mesmo.

Sócrates – Porém, Hípias, a causa e aquilo de que ela é causa são diferentes, pois a causa não pode ser causa da causa. Considera o seguinte: a causa não se nos revelou como operante?

Hípias – Perfeitamente.

Sócrates – Ora, o que produz algo, só produz o que se forma, não o próprio produtor.

Hípias – Certo.

Sócrates – Logo, a causa não é causa da causa, mas do que for produzido por meio dela.

b **Hípias** – Perfeitamente.

Sócrates – Se o belo, portanto, for causa do bem, o bem será produto do belo, sendo por isso, como parece, que nos esforçamos em pós da sabedoria e das demais coisas belas, porque o produto a que dão origem, a saber, o bem, é merecedor desse esforço. Daí, ser possível acabarmos por descobrir que o belo é, de algum modo, o pai do bem.

Hípias – É muito certo, Sócrates; falaste admiravelmente.

Sócrates – E também não será certo dizer que o pai não é filho, nem que o filho é pai?

c **Hípias** – Certíssimo.

Sócrates – E que nem a causa é efeito, nem o efeito, causa?

Hípias – Só dizes a verdade.

Sócrates – Por Zeus, caro amigo! Nesse caso, nem o belo é bom, nem o bom é belo; ou achas possível isso, de acordo com o que dissemos?

Hípias – Não, por Zeus; acho que não.

Sócrates – Dar-nos-emos, então, por satisfeitos e diremos que o belo não é bom nem o bom é belo?

Hípias – Não, por Zeus; isso não me satisfaz.

Sócrates – Por Zeus, Hípias, tens razão; a conclu-
d são a que chegamos é a que menos me satisfaz.

Hípias – Eu também sou dessa opinião.

XXII – **Sócrates** – Assim, diferentemente do que há pouco nos parecia, é bem possível que nossa bela conclusão, de que o belo seria o útil, o vantajoso ou o que produz o bem, não esteja absolutamente certa, vindo a ser, até mais ridícula do que as anteriores, quando imaginamos que o belo era uma donzela e todas as outras coisas que antes enumeramos.

Hípias – Parece que sim.

Sócrates – De minha parte, Hípias, não sei para

onde virar-me; estou desorientado. E tu, tens alguma sugestão a fazer?

e **Hípias** — Neste momento, nenhuma; mas, como disse há pouco, se puser-me a refletir, encontrarei algo.

Sócrates — Porém, dada a minha sede de saber, acho que não agüentarei essa demora. Tanto mais, que me parece ter encontrado uma boa saída. Escuta aqui: se denominássemos belo o que nos proporciona prazer, isto é, não toda espécie de prazer, mas apenas os que alcan-

298 a çamos pela vista e pelo ouvido, de que modo poderíamos defender-nos? É fora de dúvida, Hípias, que os belos homens, as coisas variegadas, os trabalhos de pintura e de escultura nos são agradáveis à vista, quando belos, como também se dá com os belos sons, a música em todas as suas manifestações, os discursos e a poesia; de forma que, se respondêssemos àquele sujeito impertinente: O belo, caro amigo, é o que nos deleita por meio da vista e do ouvido, não te parece que poríamos fim ao seu atrevimento?

Hípias — Eu, pelo menos, Sócrates, sou de opinião

b que desta vez o belo foi muito bem definido.

Sócrates — E então? E as belas ocupações e instituições, Hípias, diremos que são belas por nos agradarem através da vista ou do ouvido, ou serão de natureza diferente?

Hípias — É bem possível, Sócrates, que ao nosso homem não ocorresse semelhante distinção.

Sócrates — Pelo cão, Hípias! Porém não seria de esperar o mesmo com a pessoa diante da qual eu mais me envergonharia de divagar sem nexo e de imaginar que digo alguma coisa, quando, em verdade, nada digo.

Hípias — Quem é essa pessoa?

Sócrates — Sócrates, filho de Sofronisco, que de

c jeito nenhum me permitiria enunciar superficialmente qualquer proposição, sem a ter examinado a fundo, nem afirmar o que não conheço como se, de fato, conhecesse.

Hípias — Eu, também, depois do que disseste, me inclino a pensar que o caso das leis é diferente.

XXIII — **Sócrates** — Devagar, Hípias! Tenho medo de cair na mesma trapalhada de há pouco, a respeito do belo, quando imaginávamos estar no bom caminho.

Hípias — Que queres dizer com isso, Sócrates?

Sócrates — Vou dar-te minha opinião, tenha ou não

d algum valor. Pode bem ser que isso de ocupações e leis não se encontre fora do campo das sensações que nos chegam por intermédio da vista e dos ouvidos. Porém firmemos a proposição de que é belo o prazer alcançado desse modo, deixando de parte o que respeita às leis. E se esse indivíduo a que me refiro, ou outro qualquer, nos perguntasse: Qual a razão, Hípias e Sócrates, de distinguirdes entre o prazer em geral e esse prazer particular a que dais o nome de belo, e por que recusais essa

e denominação aos prazeres relacionados com o alimento, a bebida, o amor e tudo o mais do mesmo gênero? Afirmareis, porventura, que não sejam agradáveis e que não há prazer em tudo o que não for vista ou ouvido? — Que lhe responderíamos, Hípias?

Hípias — De todo jeito, Sócrates, teríamos de confessar que nas demais sensações também há muito prazer.

Sócrates — Por que motivo, então, perguntaria, se esses prazeres não são menos prazeres do que os outros,

299 a recusais-lhes essa denominação e os despojais do qualificativo de belo? — Porque, é o que lhe diríamos, não haveria quem não risse de nós, se disséssemos que comer não é agradável, porém belo, e que um bom perfume não é agradável, porém belo. No que respeita ao amor, também, todos afirmarão de pés juntos ser o que há de mais agradável; mas, quando alguém se dispõe a praticá-lo, furta-se à vista de toda a gente, por ser o que há de mais feio de ver-se. — Se lhe falássemos desse modo, Hípias, talvez o nosso homem nos respondesse: Compreendo, dir-nos-ia, que há muito tempo revelais acanhamento em declarar que esses prazeres são belos,

b porque os homens não os consideram como tais. Porém, não perguntei o que a maioria dos homens considera belo, senão o que é belo. A isso responderemos, quero crer, de acordo com nossa anterior proposição, se afirmarmos que o belo é a parte do agradável que alcançamos por meio da vista ou do ouvido. Achas que

essa definição poderá servir-nos, Hípias, ou precisaremos acrescentar-lhe alguma coisa?

Hípias — De acordo com o que afirmamos antes, Sócrates, não poderemos responder de maneira diferente.

XXIV — **Sócrates** — Bela resposta, ele diria. Logo,

c se o belo é o prazer que nos vem por meio da vista ou do ouvido, todos os prazeres que não forem dessa natureza, é evidente que não poderão ser belos. Admitiremos isso?

Hípias — Sim.

Sócrates — E o que é agradável por meio da vista, perguntaria, é agradável ao mesmo tempo por meio da vista e do ouvido, assim como o prazer do ouvido será também agradável ao mesmo tempo por meio do ouvido e da vista? — De forma alguma, responderíamos; o que é alcançado por um desses meios não pode sê-lo por ambos ao mesmo tempo, se é esse, como parece, o sentido de tua pergunta. O que afirmamos é que é belo cada

d um desses prazeres isoladamente considerado, e que ambos o são. — Dar-lhe-íamos essa resposta?

Hípias — Perfeitamente.

Sócrates — Como! voltaria a falar; um prazer qualquer pode diferençar-se de outro pelo fato de ser prazer? Não se trata de saber se um prazer é maior ou menor do que outro, mais ou menos intenso, porém se um difere de outros, por ser, justamente, prazer e os outros não? — Parece-nos que não; não é verdade?

Hípias — Sim; acho também que não.

Sócrates — Logo, prosseguirá, terá sido por outra razão que não a de ser agradável, que escolhestes, dentre

e as demais, estas duas qualidades de prazer, por haverdes percebido em ambos algo que os diferencia dos outros e que vos leva a denominá-los belos. Evidentemente, não é belo o prazer da vista apenas pelo fato de o alcançarmos por meio desse sentido; se fosse essa a razão de ser ele belo, o outro, que se origina do ouvido, não poderia sê-lo, por não se tratar de um prazer alcançado por intermédio da vista. — Tens toda a razão, lhe diríamos.

Hípias — Sim, é o que lhe diríamos.

300 a **Sócrates** — O mesmo se dá com o prazer alcançado por intermédio do ouvido: não é belo por nos vir por meio do ouvido, pois, nesse caso, não seria belo o prazer da vista, por não nos vir por intermédio do ouvido. — Ao indivíduo que nos falasse dessa maneira diríamos que está com a razão?

Hípias — Sem dúvida.

Sócrates — Mas o fato, como dissestes, é que ambos são belos. — Foi o que afirmamos.

Hípias — Afirmamos, realmente.

Sócrates — Há, por conseguinte, algo em ambos que os deixa belos, comum aos dois, que tanto se encon-

b tra nos dois como em cada um em particular; de outro modo, ambos não poderiam ser belos ao mesmo tempo e cada um separadamente. — Agora responde como se te dirigisses a ele.

Hípias — Respondo que me parece ser como disseste.

Sócrates — Logo, se essas duas modalidades de prazer possuem algo em comum que falta a cada um em particular, não é por essa qualidade que serão belos.

Hípias — Como poderia dar-se, Sócrates, que nenhum dos dois possua determinada qualidade, e que essa mesma qualidade, ausente em cada um deles, isoladamente considerados, seja comum aos dois?

c **Sócrates** — Achas isso impossível?

Hípias — Fora preciso que eu desconhecesse de todo a natureza dessas coisas e os modos correntes de expressão.

XXV — **Sócrates** — Pode muito bem ser isso, Hípias; talvez eu apenas imagine entrever algo que tu declaras não ser possível, quando, em verdade, nada vejo.

Hípias — Não há talvez, Sócrates; é fato estares vendo mal.

Sócrates — No entanto, esvoaçam-me ante o espíri-

d to muitas imagens do mesmo gênero, em que não confio, por não as perceberes também, visto já teres ganho mais dinheiro com tua sabedoria do que todos os sábios do nosso tempo, enquanto eu nunca obtive um óbolo sequer. Mas ponho-me a refletir, companheiro, se não estás brincando comigo e não me enganas de caso pensado, tantas e tão nítidas são essas imagens.

Hípias — Ninguém, Sócrates, como tu, se acha em

condições de saber se eu estou ou não brincando. Bastará dispores-te a explicar o que te surge ao espírito, para te convenceres de que carece absolutamente de consistência. Verás que jamais poderá dar-se o caso de virmos a possuir em comum uma qualidade que nem eu nem tu possuímos.

e **Sócrates** – Que dizes, Hípias? Talvez tenhas razão, sem que eu chegue a compreender-te. Porém presta atenção ao que vou explicar-te. Quer parecer-me que uma qualidade que nunca possuí, como não possuo neste momento, nem tu também, nós dois venhamos a possuir; e o inverso: que não haja em nenhum de nós o que ambos possuímos em conjunto.

Hípias – Respondeste, Sócrates, com um absurdo maior do que o primeiro. Reflete um pouco. Se ambos

301 a formos justos, cada um de nós, isoladamente, não terá também de sê-lo? Ou o se cada um de nós for injusto, não o seremos ambos em conjunto? Ou sadios ambos, como cada um de per si? Ou o inverso: se algum de nós sofrer de determinada doença ou apresentar algum ferimento ou contusão, ou qualquer perturbação, o mesmo não se dará com os dois? Mais, ainda: se ambos fôssemos de ouro, de prata ou de marfim, ou, caso o prefiras, nobres, sábios e honrados, ou velhos, moços ou possuidores da qualidade humana que bem te parecer: não é absolutamente necessário que cada um de nós também o fosse?

b **Sócrates** – Sem dúvida nenhuma.

Hípias – O fato, Sócrates, é que nunca vês as coisas em conjunto, como se dá também com teus interlocutores habituais, porém amputais do todo o belo ou qualquer outra porção do real e o percutis com vossos discursos. Por isso vos escapam grandes trechos da natureza das coisas. Agora, por exemplo, tão carecente de reflexão te mostras, a ponto de admitires uma qualidade ou

c essência que possa pertencer a um par de objetos sem pertencer a cada um em particular, ou o inverso: a cada um de per si, sem pertencer aos dois. Tão carecentes de lógica, de método, de bom senso e de inteligência todos vos mostrais!

XXVI – **Sócrates** – Somos assim mesmo, Hípias; como diz o provérbio; Ninguém é o que quer, mas o que pode. Porém lucramos bastante com tuas admoestações. Agora, por exemplo: queres que te mostre até onde ia nossa ingenuidade, antes de nos teres repreendido, com dizer-te o que pensamos a esse respeito? Ou será melhor não falar nada?

d **Hípias** – De antemão, Sócrates, sei o que vais dizer. Conheço muito bem como são as pessoas que se ocupam com discursos. Mas, se encontras prazer nisso, podes falar.

Sócrates – Encontro, sim. Nós outros, amigo, éramos tão estúpidos antes de no-lo declarares, a ponto de imaginarmos ao meu e ao teu respeito, que cada um de nós constituía uma unidade, e que isso que cada um de nós era, os dois não podiam ser, por não sermos um, porém dois. Tão grande era nossa ingenuidade. Agora,

e porém, aprendemos contigo que, se juntos, somos dois, cada um de nós também terá de ser dois; e o inverso; se cada um de nós é um, os dois juntos também seremos um. Não poderá ser de outra maneira, de acordo com a doutrina de Hípias sobre a continuidade da natureza das coisas: o que ambos são, cada um terá de ser, e o que cada um é em particular, ambos também serão. Convencido agora por ti dessa verdade, daqui não saio. Antes, porém, Hípias, ajuda-me a recordar uma particularidade: eu e tu seremos um, ou tu és dois e eu também sou dois?

Hípias – Que queres dizer, Sócrates?

Sócrates – Isso, precisamente, que acabei de falar. Tenho medo de ser mais claro e irritar-te, por pensares

302 a que estás com a razão. Contudo, dize-me mais o seguinte: cada um de nós não é um e não consiste nisso, precisamente, ser um, sua característica essencial?

Hípias – Perfeitamente.

Sócrates – Ora, se cada um de nós é um, terá de ser ímpar. Ou achas que a unidade não seja ímpar?

Hípias – De forma alguma.

Sócrates – E ambos nós, reunidos, somos ímpares por sermos dois?

Hípias – Não pode ser, Sócrates.

Sócrates – Porém juntos somos pares, não é verdade?

Hípias — Perfeitamente.

Sócrates — E por formarmos um par, segue-se que cada um de nós seja par?

Hípias — De forma alguma.

b **Sócrates** — Então, não é forçoso, como disseste há pouco, que cada um seja o que os dois forem, e também que o que é cada um em particular ambos também terão de ser.

Hípias — Não nesses casos, porém nos que enumerei há pouco.

XXVII — **Sócrates** — É o bastante, Hípias. Isso me satisfaz, pois em alguns casos as coisas se passam desse modo e noutros não. Com efeito, já disse — caso ainda te recordes do ponto inicial de nossa discussão — que tanto o prazer alcançado por meio da vista como o que nos chega pelo ouvido, não serão belos pelo que cada c um deles possa ter em particular, sem disso participe o conjunto, ou o contrário: pelo que caracterize o conjunto porém falte em cada uma das partes isoladamente considerada, mas graças ao que se encontrar concomitantemente no conjunto e nas partes, visto haveres admitido que eles eram belos em decorrência de certa essência comum a ambos, não da que faltasse a qualquer deles. Continuo a pensar do mesmo modo. Agora me responde como no começo; se o prazer por meio da vista e o por meio do ouvido são belos em conjunto e separa- d damente, o que os deixa belos não terá, por força, de encontrar-se em ambos e em cada um em particular?

Hípias — Sem dúvida.

Sócrates — E serão belos por serem ambos prazer a cada um em particular? Se fosse o caso, os demais prazeres não seriam menos belos do que esses dois, por não serem estes menos prazeres do que os primeiros, se é que ainda te lembras desse ponto.

Hípias — Lembro-me.

Sócrates — Mas pelo fato de virem por intermédio da vista e do ouvido é que foram denominados belos.

e **Hípias** — Sim, foi dito isso mesmo.

Sócrates — Considera agora se estou com a razão. Afirmamos, se bem me lembro, que o belo é esse prazer, não todos, mas apenas o que nos vem por intermédio da vista e do ouvido.

Hípias — Certo.

Sócrates — E essa característica não pertence às duas espécies de prazer em comum, não a cada uma em particular? Como foi dito antes, nenhum deles se origina ao mesmo tempo dos dois sentidos, porém ambos eles dos dois, não dos dois cada um em separado. Não é isso mesmo?

Hípias — É.

Sócrates — Logo, nenhum deles será belo pelo que pertence a cada um em particular, pois nenhum pode considerar-se duplo. Partindo dessa explicação, estaremos justificados se dissermos que, juntos, ambos podem ser considerados belos, sem que devamos afirmar a mesma coisa de cada um em separado? Ou que diremos? Não é a conclusão que se impõe?

303 a **Hípias** — Parece que sim.

XXVIII — **Sócrates** — Diremos, por conseguinte, que ambos, em conjunto, são belos, mas que nenhum dos dois o é?

Hípias — Que nos impede?

Sócrates — O que nos impede, amigo, é o fato de havermos admitido certas qualidades de determinados objetos que, quando presentes ao conjunto, o são também às partes, e quando às partes, também se encontram no conjunto, a saber: em todos os exemplos aduzidos por ti, não é verdade?

Hípias — Certo.

Sócrates — Porém o mesmo não acontece com os exemplos por mim apresentados, que abrangiam, no entanto, a unidade e o par. Não é isso mesmo?

Hípias — É.

b **Sócrates** — A que classe, então, Hípias, te parece que pertence a beleza? Àquela de que disseste: Se eu for forte e tu também, ambos o seremos; se eu e tu formos justos, ambos teremos de sê-lo; e se ambos o formos, cada um de nós também será; como também se eu e tu formos belos, ambos o seremos, e sendo belos ambos, cada um em particular também terá de sê-lo? Ou nada impedirá que as coisas se passem como com os números,

quando dizemos que dos dois elementos de um par, cada um, separadamente, tanto pode ser par como pode ser ímpar, e também de duas quantidades irracionais, isola-
c damente consideradas, que, reunidas, tanto podem ser racionais como irracionais, e mil outros casos semelhantes, que, conforme declarei, me ocorreram ao espírito? Em qual dos grupos classificas o belo? Dar-se-à contigo o que se dá comigo? Pois se me afigura mais do que absurdo afirmar que ambos nós somos belos, mas que cada um não o é, ou o inverso: que somos belos individualmente considerados, porém reunidos não, e outras coisas do mesmo gênero. Escolhes como eu ou por maneira diferente?

Hípias — Como tu, Sócrates.

Sócrates — Fazes muito bem, Hípias, pois desse
d modo nos livramos de ulteriores investigações. Se o belo for isso, não será belo o prazer da vista nem o do ouvido; o fato de virem por meio da vista e do ouvido é o que faz ambos serem belos, não cada um em particular, o que é impossível, como já admitimos, Hípias.

Hípias — Admitimos, realmente.

Sócrates — Não será belo, por conseguinte, o prazer alcançado por meio da vista ou do ouvido, pois se o fosse, seguir-se-ia algo impossível.

Hípias — Isso mesmo.

XIX — **Sócrates** — Então, exponde mais uma vez o assun-
e to do começo, dirá o nosso homem, porque essa explicação falhou. Qual é a beleza comum aos dois prazeres que vos leva a destacá-los dos demais prazeres e a denominá-los belos? — A meu parecer, Hípias, seremos forçados a dizer-lhe que esses prazeres são os mais inócuos de todos e os melhores, quer os consideremos em conjunto, quer separadamente. Terás algo a acrescentar sobre o que os torna diferentes dos demais?

Hípias — Nada; porque em verdade são esses os melhores.

Sócrates — Nesse caso, prosseguirá, concluís que o belo é o prazer útil? — Parece-me que sim, seria minha resposta. E a tua?

Hípias — A minha também.

Sócrates — Porém o útil, continuará a falar, é o que produz o bem. Mas o produtor e o produto já se nos revelaram como diferentes; e assim nosso discurso volta
304 a ao ponto de partida; nem o bem pode ser belo, nem o belo pode ser bom, se cada um deles for algo diferente. Se formos sábios, Hípias, teremos de concordar plenamente com isso, pois não é permitido dissentir de quem diz a verdade.

Hípias — Mas, Sócrates, que pensas de nossa discussão? Como disse há pouco, são aparas e migalhas de argumentos reduzidos a pedacinhos. Belo, porém, e de muito valor é poder alguém dizer bem um ótimo discur-
b so, no tribunal ou no conselho, ou diante de qualquer autoridade pública a que seja dirigida a oração, e a tal ponto persuadi-la que termine por levar dali, não algum prêmio insignificante, senão o maior de todos: a salvação de si próprio, de seus haveres e dos amigos. A isso é que deverias aplicar-te, abandonando essas futilidades, para não passares por tolo chapado, com te ocupares, como agora, com tantas tolices e palavrório vazio.

XXX — **Sócrates** — Meu caro Hípias, és, realmente, bem-aventurado, tanto por saberes em que os homens devem aplicar-se como por te haveres esforçado nesse sentido, conforme o declaraste. Eu, pelo contrário, como parece, caí nas malhas de um destino adverso, que
c me leva a errar sem pausa e em perpétua incerteza, e quando a vós outros confesso, por serdes sábios, minhas dificuldades, vejo-me maltratado com expressões rudes, mal acabe de falar. Dizeis-me sempre o que agora mesmo declaraste: que só me ocupo com questões absurdas, mesquinhas e carecentes de valor. Porém, depois de persuadido por vós outros, quando repito o que dizeis, que não há nada mais admirável do que ser alguém capaz de proferir um discurso bem feito, no tribunal ou em
d qualquer outra reunião: imediatamente passo a ouvir as piores invectivas por parte dos presentes, mas, em primeiro lugar, desse sujeito que outra coisa não faz senão refutar tudo o que eu digo. Acontece, também, que somos parentes próximos e moramos juntos. Sempre que eu chego a casa e ele me ouve discorrer dessa maneira, pergunta-me se não me envergonho de falar a respei-

to das belas maneiras de viver, sendo, como sou, reconhecidamente ignorante, visto não saber até mesmo o que venha a ser essa beleza. De que modo, pergunta-me, poderás saber se um discurso está bem ou mal composto, ou seja o que for, se nem sabes o que seja o belo? E, sendo essa a tua situação, achas mesmo que para ti é melhor viver do que morrer? — Como disse, já me tem acontecido ouvir injúrias e repreensões de vós outros, sofistas, e também dele. Talvez eu tenha mesmo de passar por tudo isso, nem será de admirar que me seja de alguma utilidade. Uma coisa, pelo menos, Hípias, presumo haver aproveitado em vossa companhia: imaginar que compreendo o significado do provérbio: O belo é difícil.

e